

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: 231

Data: 03.05.84 Pg.: \_\_\_\_\_

## 4468 Emoção na volta dos reféns do Xingu

"Vocês fizeram o que prometeram, agora eu tenho que cumprir o que prometi", assim o ministro do Interior, Mário Andreazza, recebeu ontem, no aeroporto, as lideranças indígenas Txucarramãe, na viagem de retorno a Brasília que acompanharam os três reféns libertados, após o compromisso do Governo Federal em atender as reivindicações daquela população do Parque Nacional do Xingu. "Pela primeira vez numa luta política, o índio ganha sem precisar matar?" afirmou, em tom emocionado, o indigenista Sidney Posuelo, um dos ex-reféns, salientando que "este é um momento histórico". Dirigindo-se ao ministro, o superintendente da Funai, Lamartine Ribeiro de Oliveira, outro libertado, salientou que "a terra que os índios pedem e sempre pediram é fundamental para a sobrevivência de seus filhos e seus netos, para a perpetuação da sua espécie", enquanto seu colega, Carlos Grossi, diretor do Departamento de Assistência ao Índio, confirmou, a ameaça às suas vidas enquanto permaneceram presos, lembrando que "tudo já passou, e o importante é que o problema foi resolvido".

Hoje, pela manhã, 18 caciques manterão encontro com o ministro Andreazza, numa forma de selarem os compromissos de parte a parte e discutirão a respeito da manutenção de Cláudio Romero — também libertado ontem — como administrador do Parque; o desvio da BR-080 para seu traçado original e a possibilidade do Governo conceder mais uma faixa de 15 quilômetros, terra fechando o espaço que vai do Parque ao Kapoto, área que ganharam na luta travada por longos 42 dias, quando ainda conseguiram a demissão do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima e a reincorporação de uma faixa de terra de 15 quilômetros por 70 à sua reserva. Nessa reunião os índios conversarão com o ministro sobre quem será a pessoa a ocupar

o cargo de dirigente, máximo do órgão tutelar, "pois tem que ser alguém do nosso agrado senão vai ter problema de novo", lembrou o deputado-cacique Mário Juruna (PDT-RJ).

A balsa que liga as duas margens do Rio, e que está retida desde o dia 23 de março, impedindo o tráfego na BR-080 rodovia que une Cuiabá e Santarém, continuará em mãos dos índios até a volta de todos os Txucarramãe à aldeia Kretire, no norte do Xingu, o que deverá acontecer na segunda-feira, segundo informou Megaron.

### Clima

Muito sujos e abatidos os reféns desceram do avião no hangar da Sudeco — cujo co-piloto era o índio Marcos Terena, onde os esperavam suas esposas, familiares e amigos em geral, além dos líderes indígenas que chegaram minutos antes, o deputado Mário Juruna, o ministro do Interior e todo o seu staff, além de um incontável número de jornalistas de todas as partes do Brasil e de países estrangeiros.

Após o encontro com as famílias que não viam desde o dia 13 último eles cumprimentaram Andreazza a quem agradeceram ter cedido às reivindicações dos índios, pois somente assim suas vidas foram salvas.

Nos devemos nossa vida a ele, Ministro, disse Lamartine apontando para Megaron. Ele acalmou mais de 150 homens com bordunas.

— Aqui o Juruna também ajudou muito. Estamos todos de parabéns, respondeu Andreazza, lembrando que "todas as áreas dos índios estão sendo estudadas e a grande dificuldade são os recursos para a demarcação.

Ele reconheceu que há urgência na realização dessa medida "para que não ocorram mais casos como este" que se arrasta desde 1971 com a construção da estrada e que em 1977 gerou a morte de dois peões, em 1980 de outros 11.

O superintendente da Funai, Lamartine, afirmou que os dias que passaram presos, confinados numa casa, foram muito tensos e com frequentes ameaças de morte, "mas, tinha certeza que a estória teria um final feliz", lembrando que após a proposta concreta do Governo apresentada por Megaron e pelos outros índios ontem, foi realizada uma reunião com mais de 400 guerreiros que com ela concordaram. E salientou: "Eu confio nos índios de lá para as negociações futuras.

Cláudio Romero, administrador do Parque, disse que foram dias muito difíceis os que passaram lá: "Foi uma guerra de 42 dias, com Brasília querendo desgastar os índios, querendo dividi-los, mas sem qualquer efeito, pois os índios não precisaram usar a força e foram atendidos, assim mesmo, pelo Ministro". Quanto à questão de permanecer ou não como administrador do Parque, ele afirmou que não é assunto que o preocupa no momento: "Agora, o importante é celebrar a conquista dos índios". Romero desmentiu categoricamente as afirmações do ex-presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, de que ele não estava sendo mantido como refém, mas sim que havia insuflado a revolta dos silvícolas. Os demais reféns confirmaram as palavras do administrador.

Mário Juruna afirmou estar convencido de que o "o Governo foi obrigado a reconhecer que a terra que os índios pediam era deles, e tem a obrigação de saber que terra não é de quem tem o documento, mas comprovando que lhe pertence e de quem a utiliza, conhece e vive dela".

— Agora não vamos apagar a fogueira que nós acendemos. Esse é um bom exemplo para todos os índios. Se brasileiro branco também quizesse conseguiria melhorar a sua vida e tirar todos os ministros que estão aí atrapalhando, sugeriu o parlamentar-cacique.



Andreazza e sua equipe foram receber os reféns

### Empresários são contra a decisão

O presidente da Associação dos Empresários da Amazônia, Jeremias Lunardelli, informou ontem que, tão logo passe a "fase de estarcimento" dos empresários diante da decisão do governo de transferir para os índios Txucarramãe uma área de 15 km à direita do Rio Xingu, além da região de Kapoto, poderá entrar em ação legal conjunta em nome dos fazendeiros prejudicados com a medida.

Os empresários, que dedicaram suas vidas à ocupação e ao desenvolvimento da nova fronteira, não podem ser tratados com tanto descaso — afirmou Lunardelli em seu escritório — notando que os proprietários da área do Parque Nacional do Xingu não foram sequer consultados pelo governo antes que a decisão do Ministério do Interior fosse tomada.

### Os efeitos de uma boa macumba

Solon Dias

Os que ainda têm dúvidas sobre a eficácia de uma macumba ou de um bom despacho feito no terreiro alheio, devem conferir queda do presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima, exonerado do cargo terça-feira passada. Só para refrescar a memória dos descrentes, a matéria publicada pelo JBr (23.03.84), sob o título "Descarrego deixa Funai atemorizada", faz referências a um trabalho colocado no estacionamento do órgão, no Setor de Indústria, em que utilizou-se um enorme alguidar, farofa de azeite de dendê, galinha preta, fitas e velas nas cores vermelha e preta, cachaça e seis pombos vivos, cada qual levando numa de suas patas o nome de um diretor da Funai.

Na ocasião, morreu o pombo que cuidava do destino de Otávio Ferreira Lima à frente do órgão. E desconhecido, entretanto, o paradeiro das aves que "seguravam" os nomes dos outros dirigentes, inclusive o do Superintendente da Fundação Nacional do Índio, Lamartine Ribeiro de Oliveira, que por uma infeliz coincidência foi tomado como refém pelos Txucarramãe, no Xingu.

O despacho também comprometeu a vida (ou a posição) de Carlos Grossi, diretor de Assistência ao Índio. Mas, se considerarmos o desempenho do pai-de-santo que preparou o jacobulé para seu guia na sede da Funai, não será difícil imaginar que as respectivas aves devem ter tido o mesmo destino daquela que portava o nome de Ferreira Lima.

E a macumba deu certo, ao que parece. A matéria publicada pelo Jornal de Brasília no dia 23 de março, dizia que "o jacobulé na entrada do estacionamento da Funai ainda vai levantar muitos comentários e, sobretudo, muitas preocupações por parte de toda a diretoria da Funai". E não deu outra: o temor de Ferreira, Lamartine e Grossi se confirmou com o decreto assinado pelo presidente Figueiredo demitindo o presidente do órgão, e com os acontecimentos que culminaram na captura dos outros dois, acompanhados do sertanista Sidney Posuelo, que teve agravada uma infecção urinária.

No dia em que a macumba tornou-se pública, corriam boatos de que a demissão de Otávio era iminente. "Tais boatos", dizia a matéria, "associados ao feitiço de ontem (23 de março), não poderiam deixar o dirigente (Ferreira Lima) menos aflito do que poderia ficar naquela manhã escabrosa".

Alguns funcionários da Funai disseram na ocasião não acreditar na demissão de Ferreira, mas afirmaram que, dada a astúcia do despacho, passaram a crer na possibilidade de exoneração e agora, mais uma vez, querem saber quem é o pai-de-santo responsável pelo "trabalho", a fim de pedirem ajuda pessoal. Macumba pode não ser uma coisa séria, mas não se pode descartar a incrível coincidência. Diante disso, sabe-se que há muitos dirigentes da Funai percorrendo diversos terreiros do DF e se for uma lição, oxalá aprendam alguma coisa.